

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo

Class.: 55

Data: 30 de Setembro de 1973

Pg.: _____

O dilema dos irmãos Villas Boas

ESP 30/09/73
ELLEN B. GELD

Há pouco mais de uma semana, fomos de nossa fazenda a São Paulo, convidados pela Associação de Proteção da Fauna e Flora a fim de assistir a uma conferência a ser ministrada pelos irmãos Villas Boas, no Museu de Arte de São Paulo. Nossa primeira reação, logo que chegamos, foi de espanto, ao constatarmos o grande numero de pessoas presentes, interessadas na palestra dos dois conhecidos sertanistas. Se tivéssemos chegado um minuto mais tarde, não teríamos conseguido nem mesmo o apertado espaço no chão, onde sentamos.

Nossa segunda reação, contudo, foi de desapontamento, ao sabermos que os irmãos Villas Boas não estariam presentes, por não terem conseguido partir a tempo da região do Xingu e que, por isso, a conferência seria dada por um terceiro irmão dos dois sertanistas, chamado Alvaro.

A nossa decepção, porém, desfez-se rapidamente, desde o instante em que o sensível e inteligente conferencista começou a sua explanação. A maioria das pessoas fazem discursos estêreos, que nada mais possuem além da própria retórica. O conferencista da noite, era diferente. Suas palavras eram simples, diretas e profundas.

Embora ele falasse baixo e os microfones da sala se destinassem apenas ao gravador e não ao auditório, ainda assim as pessoas presentes sentiram-se envolvidas pelas suas palavras e, apertadas no minúsculo auditório, mantendo profundo silêncio, lá permaneceram durante duas horas.

Alvaro falou do índio em seu estado livre, isolado da civilização. Um elemento que, da mesma forma que a flora e a fauna que o cercam, vive em perfeita harmonia com a natureza, nada tirando dela além do que ele verdadeiramente necessita para sobreviver; nada fazendo que para perturbar o perfeito equilíbrio da natureza. É uma criatura jovial e feliz, que em toda a sua existência jamais prejudicou o homem civilizado e que poderia, perfeitamente, fornecer a este numerosas sugestões, visando a melhorar a sua vida.

Tal índio, conforme informa o conferencista, tem pouco ou nenhum contato com a civilização. O que manteve este contato é o assim chamado índio aculturado. O próprio nome concedido a este índio já é, por si só, um escárnio à sua presente situação. Pois em termos de civilização, em relação a ele, articulados principalmente pela Funai, aculturar um índio significa privá-lo gradual-

mente do maravilhoso ritual de sua tribo, do seu modo de vida independente e dar-lhe, em troca, um emprego.

Que estranha troca para este homem que nunca trabalhou para ninguém, exceto para si mesmo, e que agora trabalha para outros, quase sempre sob as mais miseráveis condições possíveis!

"Depois chega o domingo — prossegue o eloquente conferencista — e ele se vê desprovido de suas festas e de seus jogos, do canto e da dança e o índio senta-se no seu canto, solitário, com os olhos perdidos no infinito, esperando pela segunda-feira, quando voltará novamente ao seu trabalho". Se ele se torna um alcoólatra, não é de se espantar.

Rodovias são rapidamente construídas onde só os índios habitavam. Neste imenso Brasil, os territórios reservados aos índios e à preservação da natureza são os menores possíveis, se comparados aos de outras nações. A única reserva desse tipo que permaneça relativamente intacta, é o Parque do Xingu, com seus 22 mil quilômetros quadrados de extensão. Mesmo ali, a rodovia que devia contornar o Parque teve o seu trajeto alterado mais para o norte, ameaçando desta forma toda a área, por indivíduos que não mostram o menor respeito para com o índio e a sua vida intimamente ligada à natureza. Esse encontro, além do mais, porá em perigo a própria vida do sil-

vicola, no seu contato com as doenças e os vícios levados pelos brancos.

A esta altura da conferência, a avalanche de perguntas já não podia mais ser contida. O que se deve fazer? Como esses problemas poderão ser contornados? Não haveria um meio de se viver em harmonia com essa pequena, porém, inestimável parcela da vida e da cultura brasileira?

Uma vez mais, a resposta de Alvaro Villas Boas é simples e precisa. "Se as pessoas que se encontram esta noite aqui fossem as mesmas que vivem nas áreas afetadas do Xingu, haveria então, poucos problemas, os quais nem sempre poderiam ser resolvidos. Contudo, os que vivem em contato e em confronto com os índios não vêem neles nada mais do que um empecilho e um obstáculo ao progresso".

Para os irmãos Villas Boas, só uma solução parece plausível: a proteção ao Parque do Xingu. Isso daria aos índios, cujo numero total ninguém conhece, nem mesmo a Funai, mas que é calculado entre 80 e 140 mil, um local onde eles pudessem preservar sua cultura, isolando-se do que é comumente chamado de civilização. E assim se manteriam, até que o homem branco atingisse um estágio mais avançado em sua evolução, por meio do qual ele pudesse compreender a cultura e o modo de vida no índio e, desse modo, não procurasse destruí-los.